

# Carta aos Amigos Comuns



Londres, domingo 30

Esta manhã chegou-me o telegrama da Edite. Morreu o Redol.

Fiquei diante da janela do quarto, a olhar, ou a não olhar, sei lá, o pátio coberto de neve — e tudo branco, tudo puro, o nada, e a notícia ali na minha mão a dizer-me que tínhamos perdido o nosso velho António, o nosso querido e paciente amigo.

Não adianta, bem sei, desabafar-se assim. Mas na morte de qualquer escritor português digno há sempre um remorso do tempo, sempre. Há um outro cancro que vem detrás e que é a injustiça e o suportar em silêncio. E esse mal, quando não vence uma verdade interior, mata primeiro do que o vírus decretado pelas certidões de óbito.

As vezes que falámos nisto, eu e o Redol. Ainda há pouco, numa carta em que se despedia de mim para sempre, lá vinha esta verificação magoada e terrivelmente simples: «Sou um dos que vai morrer na incomunicabilidade com o seu tempo».

Não, não era um lamento. Era assim como uma espécie de anotação final, breve e sem adjetivos, qualquer coisa como quem arruma o balanço de uma vida e diz apenas «morro assim, e não é justo».

Nem uma acusação, nem um azedume. Nada. Uma definição, simplesmente.

E agora que o perdemos e que deixaremos de ter junto de nós aquele companheiro leal e sempre disponível, agora essas palavras têm uma dimensão ainda maior. Comunicar, na vida de um escritor, é apenas o que se escreve? E o convívio que se lhe nega? E participar na colectividade com as intervenções que a sua condição responsável lhe solicita? E viver com alegria e em tranquilidade? Não é isso também comunicar?

Pois, dirão vocês, a segregação pública diminui, corrói a própria carne, e só a carne sucumbiu, minada. Se algum escritor portu-

guês sofreu injustiças e as suportou com tolerância excessiva (excessiva, sim) foi o António. O António, o Alves Redol que abriu um capítulo novo ao nosso romance — o mais rico, decerto e o que mais variedade de vozes ofereceu — e que jamais fez disso galardão. O romancista que, a seguir ao Camilo, apresentou uma maior multiplicidade de temas e que nos deixou o *Barranco de Cegos* como uma das mais importantes criações da novelística portuguesa.

Mesmo assim, as incompreensões não faltaram de um lado e doutro da república. Era, no fundo, a consciência de se estar perante um escritor que não desistia da sua missão, penso eu. E sobretudo a ofensa de se estar perante um homem que não usava de ambiguidades de definição nem de oportunismos de convívio — ele que, como nós sabemos, era o mais aberto e o mais entusiasta dos apreciadores de todas as expressões literárias.

Mas agora a perspectiva vai mudar como de costume. Nos hospitais e nos cemitérios das letras começarão, não tarda, as recuperações *post mortem* como aconteceu com Sérgio, Aquilino, Irene Lisboa e tantos mais.

Talvez o Colóquio, sempre vestido de bem-pensante e engratado de pequeno oxfordiano, entenda que Alves Redol existiu, e lhe dedique agora algumas linhas (de quem, santo Deus!). Os mestres de sebenta, sempre, como São Jerónimo, com a caveira a presidir às obras vivas, esquecerão mesmo os pontos menores numa obra tão vasta como a do Redol (e de que ele tinha tão austera consciência) para o colocarem, vá lá, entre a dezena de prosadores fundamentais deste nosso meio século. Os outros, os estrangeiros de dentro que se passeiam pelas Travessas da Inteligência ao Camões com a última palavra debaixo do braço, esses calar-se-ão finalmente. Espero que sim. Na pátria que eles desconhecem e por onde divagam a esterilidade e a cultura do sovaco, a obra de Redol é um peso demasiado concreto...

Vai confuso este desabafo, excessivamente amargo. Sinto que vai, mas que querem? Na morte de um companheiro como o António não consigo deixar de pensar nas últimas palavras que tive dele, um homem que morreu na incomunicabilidade com o tempo.

Tenho-o presente naquele rosto seco, talhado por uma infância cruel, marcado logo de início por uma injustiça que o iria destruir.

É assim que o vejo agora. E a seguir vem o resto, o tempo ingrato, esse dia-a-dia da incompreensão, os arrivismos testemunhados em silêncio, os passos atrás, as meias deserções, a segregação tácita — tudo aquilo, enfim, que é um convite às cumplicidades e que enoja, que mata, que vai matando.

Por isso o vejo neste momento apagado e solitário, como se lembram que ele ficava quando a indignação se apoderava de nós. E preciso de me esforçar para trazer à memória o sorriso quase infantil que lhe iluminava o tal rosto endurecido, o olhar terno e comovido e a enorme alegria de viver que havia no Redol quando convivía connosco.

Pudor, um secreto e intenso pudor, e também uma confiança instintiva nos outros impediu-o toda a vida de expor a sua imagem pessoal com frequência. A maneira como se discutia, a lealdade com que ouvia as críticas e a seriedade do seu ofício estão talvez num ou dois escritos-que deixou. Mas a cultura actualizada de que dispunha, a sua quase romântica adesão às solicitações dos camaradas, disso é que não fazia alarde — e só alguns de nós o sabíamos.

Lembrar que a ele, pois, a ele, e ao Aquilino se deve a fundação da Sociedade; que foi pela mão do Redol que surgiu Pereira Gomes; que já no ponto alto da sua carreira não hesitou em sacrificar os seus interesses editoriais para se juntar a escritores muito menos representativos; lembrar estas e tantas outras coisas que agora me acodem, e se misturam, e se sobrepõem, é pouco, muito pouco, na recordação de uma vida como a dele, tão discretamente partilhada com todos nós. Tão disponível, é essa a verdade. Tão confiante.

Desabafo aqui, sòzinho, longe de vocês, e tenho apenas por companhia a carta de um grande amigo que se despede de mim para sempre. É admirável, bem sei, morrer-se com tamanha inteireza como ele e deixar em meia dúzia de linhas um derradeiro e tão discreto testemunho de lealdade.

Mas revolta, amigos.

Que terrível é recordar alguém que foi uma presença diferente na nossa vida, que está vivo dentro de nós — e só ver neve à volta, neve e mais neve a rasar o mundo por igual.